

Governadores que querem 5 anos fazem ameaça por votos

Rogério Coelho Neto

O governador de Minas, Newton Cardoso, já mandou avisar a 27 dos 35 representantes da bancada do PMDB mineiro na Constituinte, que fizeram indicações para cargos administrativos no interior do estado, que tomará as posições dos que votarem, no plenário, contra o mandato de cinco anos para o presidente José Sarney. Jogam duro, também, numa linha parecida com a de Newton, os governadores Álvaro Dias (Paraná), Geraldo Melo (Rio Grande do Norte), Amazonino Mendes (Amazonas), Marcelo Miranda (Mato Grosso do Sul), Hélio Gueiros (Pará) e Tarcísio Burity (Paraíba).

O governador de Minas resolveu reorganizar suas forças para lutar pelos cinco anos depois de uma longa conversa mantida Belo Horizonte, no início da semana, com o ministro do Planejamento, Aníbal Teixeira. Newton quis saber como o presidente da República estava encarando a situação e o ministro disse que ele continuava "a contar com os amigos".

Movimentação — O ministro do Desenvolvimento Urbano, Prisco Viana, que passou a ser o principal coordenador político do governo, há 15 dias, tem em mãos um balanço que isola quatro governadores na defesa dos quatro anos: Moreira Franco (Rio de Janeiro), Miguel Arraes (Pernambuco), Waldir Pires (Bahia) e Collor de Mello (Alagoas). O paulista Orestes Quéricia, apesar de listado também por lideranças pemedebistas do Congresso, como partidário dos quatro anos — incluí-se no rol dos virtuais candidatos —, entra nos cálculos de Prisco como indefinido. Outros auxiliares de Sarney que caçam votos em favor do mandato de cinco anos acham que o governador paulista acabará do lado do presidente.

Os articuladores políticos do Planalto esperam contar, entre os governadores, com a indiferença do gaúcho Pedro Simon para o fato de o mandato ser de quatro ou cinco anos. Parlamentarista, Simon só assumiria posição de luta, se tivesse certeza de que haveria um clima propício à adoção do sistema de gabinete, na sua forma mais pura, no plenário da Constituinte. Há, da parte dos auxiliares do presidente, empenhados em reverter a questão do tempo do mandato, dúvidas sobre os governadores Carlos Bezerra (Mato Grosso) e Henrique Santillo (Goiás). O único governador do PFL eleito em 86, o sergipano Carlos Valadares, está com os cinco anos por solidariedade ao ministro do Interior, João Alves.

Além de Prisco Viana e Aníbal Teixeira, os ministros que mais se empenham, no momento, para alterar o relatório da Comissão de Sistematização, na parte referente ao mandato de Sarney e ao sistema de governo, são Antônio Carlos Magalhães (Comunicação), Ronaldo Costa Couto (Gabinete Civil), José Hugo Castello Branco (Indústria e Comércio) e José Reynaldo Tavares (Transportes). É discreta, por sua vez, a movimentação do chefe do SNI, general Ivan Mendes.

'Centrão' e PMDB tentam, mas acordo não sai

Brasília — Wilson Pedrosa

BRASÍLIA— O *Centrão* e o PMDB não conseguiram chegar a um acordo sobre a mudança do regimento interno da Constituinte, provocando o adiamento para hoje da votação da questão no plenário. O principal ponto de divergência foi a exigência do *Centrão* de preferência automática para a votação das emendas assinadas por mais de 280 constituintes. "Querem transformar assinatura em voto e isso nós não aceitamos. A Constituinte não é uma agência dos Correios e Telégrafos para receber correspondência", disse o vice-líder do PMDB, Antônio Brito, resumindo a posição da centro-esquerda.

Durante todo o dia, os dois lados mantiveram intensas negociações, tentando uma solução para o impasse. Às 18h30min, no gabinete do presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, o deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), um dos principais articuladores do *Centrão*, comunicou a Ulysses, ao líder do PMDB, Mário Covas, ao senador Fernando Henrique Cardoso e a outros parlamentares, que seu grupo já havia cedido tudo que era possível na negociação.

Grupo reúne só 20 deputados

A ameaça de greve dos aeroviários no dia 18 foi suficiente para provocar o primeiro estremeamento no *Centrão*. A reunião convocada para 10h, com o objetivo de montar a estratégia que o grupo deveria adotar à tarde no plenário, foi um completo fracasso. Menos de 20 parlamentares compareceram, uns porque tinham ido ao Palácio do Planalto levar cumprimentos de fim de ano ao presidente José Sarney, outros porque acharam temerário deixar seus estados sem garantia de que teriam avião para voltar.

"Como é que um constituinte vai sair do seu estado, sabendo que no dia 18 as empresas aéreas estarão paradas? Quem vai se arriscar a passar o Natal longe da família e em Brasília?", indagava o líder do PDS na Câmara, deputado Amaral Neto, às 11h30min, em seu gabinete, diante de meia dúzia de integrantes do *Centrão*. "Eu sempre disse que esse grupo não tinha fôlego", comemorava a 20 metros dali o líder do

Diante do impasse na questão da preferência automática, preferia ir para o voto em plenário.

— Então vamos votar agora — provocou Fernando Henrique.

Cardoso Alves teve um instante de vacilação, mas não respondeu ao senador paulista. Deixou a sala e, em companhia dos líderes do PDS, Amaral Neto, e do PFL, José Lourenço, dirigiu-se ao plenário. "Vamos pro pau", disse o deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ), expressando o estado de espírito da maioria do grupo. A sessão, porém, foi suspensa quase imediatamente. O *Centrão* havia se esquecido de pedir sua prorrogação.

A distância, outros articuladores do *Centrão*, como Afif Domingos (PL-SP), Bonifácio de Andrada (PDS-MG) e Luís Eduardo (PFL-BA), não escondiam seu desapontamento com a falta de acordo. Minutos antes, na reunião da cúpula do *Centrão*, eles haviam defendido uma posição mais flexível. Foram vencidos. Arranaram, porém, um compromisso. Se a tática do confronto não der certo, o comando do *Centrão* vai mudar.

PMDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso.

"Eu disse que era arriscado fazer aquele acordo adiando a votação do regimento. Eu conheço esta Casa. Até o início do ano, não teremos mais ninguém em Brasília", lamentou Amaral.

Saber quantos parlamentares havia na Casa era outro dilema. Otimista, o deputado Daso Coimbra (PMDB-RJ), célebre por seus cálculos, disse por telefone a Amaral Neto que não havia motivo para temores. "Eu prefiro telefonar para o Sandoval, é mais seguro", disse Amaral, referindo-se ao porteiro Sandoval Ribeiro da Silva, funcionário da Câmara desde 1949. Do alto de sua experiência, ele calculou que nem 400 parlamentares estavam presentes. "É melhor confiar no Sandoval", decidiu Amaral. "Assim não dá", indignou-se o líder do PDS quando soube que o líder do PFL, deputado José Lourenço, fora ao Palácio do Planalto.



Amaral Neto (E), Cardoso Alves e Sant'Anna: não houve acordo

'Progressistas' denunciarão trama

Esquerda, volver. A ordem poderá ser dada a cerca de 100 constituintes por cinco líderes partidários (PT, PDT, PCB, PSB e PC do B) e pelo Movimento de Unidade Progressista (MUP), do PMDB. Será a retirada formal da Constituinte, dos partidos e políticos de esquerda em protesto à aprovação do acordo que altera o regimento interno. "Vamos deixar o Congresso para denunciar à opinião pública o que a direita está tramando contra a nova Constituição. Não assinaremos a nova Carta se esse acordo esdrúxulo for aprovado", avisa a líder do PSB, deputada Beth Azize, do Amazonas.

Ontem à tarde, depois de algumas tentativas de sensibilizar o presidente Ulysses Guimarães e o líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas, os *progressistas* decidiram denunciar o acordo ocupando a tribuna de forma organizada e sistemática. "Vamos brigar até o

fim", desafiou o líder do PT, José Genoíno, adiantando que tentaram, utilizando todos os meios regimentais disponíveis, obstruir a votação do acordo.

Segundo Genoíno, "a regra mais elementar da praxe parlamentar determina que uma votação não pode ser alterada quando já está encaminhada sem que haja um acordo de lideranças". O líder do PT referia-se ao acordo entre o *Centrão* e o PMDB, que resultou num terceiro substitutivo ao regimento. "O processo envolvia até agora o substitutivo da Mesa e o do deputado Roberto Cardoso Alves. Esse terceiro ninguém conhece", esclarece.

